



As Representações Artísticas do Corpo Nu Masculino¹

Abel Santos Oliveira²

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Resumo: Este trabalho disserta sobre a trajetória das representações do corpo masculino nas artes, considerando especialmente o corpo nu. O intuito foi refletir sobre os diversos estigmas que se formaram e se sobrepuseram historicamente sobre os corpos humanos; e a escolha pela nudez masculina se dá em razão da percepção de que suas representações, e também as não-representações, sempre reforçaram um ideal de masculinidade opressor. Este estudo se fundamenta no método de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Nudez artística. Corpo masculino. Representação.

27

Introdução

A representação do corpo nu historicamente está inserida numa problemática social, política, religiosa e cultural. Inúmeros discursos se lançam sobre os corpos humanos na tentativa de construí-los de forma polida e dócil (Foucault, 1999), de modo que a sua nudez sempre gerou polêmica em gradações diferentes ao longo da história, com avanços e retrocessos, mas sempre de maneira a reproduzir preconceitos e contribuindo para a manutenção de estruturas patriarcais e conservadoras. A naturalização do nu e a visão de que ele pode ser belo, artístico e carregar sentidos não somente eróticos, enfrenta hoje o desafio de ir contra discursos que por séculos reforçaram que o lugar do nu é o privado e que a sua exposição sempre estivesse associada ao sexo e ao sentido vil.

O objetivo principal do presente artigo é discutir como a nudez foi explorada em suas dimensões artísticas e não-artísticas historicamente. Considerando o corpo masculino, objetiva-se problematizar o machismo enquanto estruturante das *performances* e representações do corpo “possuidor” deste gênero.

A nudez do corpo humano foi um elemento capital que articulou distintos discursos durante os séculos, entre os quais, científicos, políticos, artísticos, econômicos, religiosos; sendo assim, foi, e continua sendo, um objeto polissêmico, dado a diversas interpretações e convenientes a diversos interesses.

¹ Trabalho apresentado ao II SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 22 a 24 de novembro de 2017, na UEG Goiânia Câmpus Laranjeiras.

² Bacharel em Comunicação Social – Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); pós-graduando no curso de especialização em Gestão Cultural (UESC / Ilhéus-BA). E-mail: abel.snts@hotmail.com.



Limitando o campo de discussão, não se busca aqui falar sobre toda e qualquer forma de nu, mas o nu em suas dimensões artísticas: este não aparece somente enquanto resultado final de um produto, é, antes, uma linguagem pela qual se pode falar sobre diversos temas e problemáticas. “É uma forma de arte, inventada pelos Gregos no séc. V a.c., tal como a ópera é uma forma de arte inventada na Itália no séc. XVIII. A conclusão é certamente demasiado abrupta, mas tem o mérito de evidenciar que o nu não é assunto da obra de arte, mas forma de arte” (Clark, 1956, p. 26-27). O nu se configura, portanto, como um gênero.

Para traçar a linha histórica de representações do nu masculino, inicia-se apresentando a Grécia Antiga, que, com suas regras morais acabou sendo um ambiente muito propício ao desenvolvimento do nu artístico. Na sequência, discute-se o dispositivo da sexualidade como reguladora dos corpos masculinos e femininos, bem como as problematizações que cada um desses corpos suscitou ao longo de suas representações. E por último, evidencia-se a importância da fotografia no resgate do nu desde o século XIX até a contemporaneidade, tanto no segmento mercadológico quanto artístico.

A Herança Clássica

A antiguidade clássica entendia a nudez corporal como um modo de valorizar as virtudes do homem. A partir das esculturas e pinturas, foi se moldando um ideal moral para ele, “a nudez corporal masculina comumente ocupou lugar de destaque, sendo temática relevante em diferentes momentos históricos e artísticos, desde a Antiguidade Clássica [...] até a contemporaneidade, passando pelo Renascimento e o Neoclassicismo” (Carneiro, 2013, p. 61).

Na Grécia Clássica, o nu era visto sob uma ótica apolínea e heróica, e representava sempre os corpos dos deuses gregos, com toda a sua perfeição não-humana. Destas imagens, foi se constituindo e se reforçando não só um modelo estético a ser seguido, mas também o conceito de uma masculinidade limitada à força, ao trabalho, que ia contra a noção de sensual e delicado, recluso ao feminino.

De encontro ao supracitado, as estátuas masculinas nuas, bastante típicas da arte grega, representavam um ideal moral para o homem daquele período:

Estas opções apolíneas da nudez masculina associadas à moralidade, ao vigor e à civilidade tornaram-se hegemônicas na arte ocidental, paralelamente à construção da masculinidade/virilidade do homem, em oposição à feminilidade/sensualidade da



mulher. Já no século XVIII, durante o neoclassicismo, ainda se preservava a supremacia dos modelos gregos, haja vista que nas escolas de arte os modelos vivos eram escolhidos de acordo com sua semelhança com as estátuas clássicas [...] (Borzello, 2012, p. 16-18).

Nuno Rodrigues (2011), ao falar sobre temas como a exposição do corpo e a construção de masculinidades por meio da nudez do “guerreiro grego” nos revela duas características essenciais do classicismo:

Se, eventualmente, levássemos a cabo um inquérito entre as massas, em que solicitássemos que nos fosse referida a característica mais evidente de uma escultura grega, as respostas andariam por certo entre o factor «branco» e o factor «nu»: i.e., os respondentes diriam «todas as estátuas gregas são brancas» ou «todas as estátuas gregas estão nuas». Se o primeiro argumento, porém, é essencialmente uma construção ideológico-cultural do pós-classicismo¹, o segundo deriva de uma pertinência inerente à própria arte grega, ainda que possa pecar pela excessiva generalização. J. Boardman afirma mesmo que se o mundo contemporâneo aceita o nu artístico é porque o classicismo o consagrou como tal (Rodrigues, 2011, p. 201-202).

Se a Grécia antiga fez do corpo nu um objeto de admiração (Silva, 2007), isso não se manteve no início da Idade Média, no século VI – que marca o fim da Antiguidade Clássica e o início da era cristã – quando a luxúria é classificada como um dos pecados capitais e com isso a tolerância ao corpo exposto vai diminuindo gradativamente.

Em 1231, a Inquisição fez sumir de vista a nudez e o sexo. A partir dali, homens e mulheres deveriam ser retratadas com túnicas largas e longas. Os que narravam textos considerados obscenos eram condenados à fogueira e a exílio. Foi o que aconteceu com Florentino Giovanni Boccaccio, um dos autores mais criativos da Idade Média (Silva, 2007, p. 62).

De acordo com Sturgis e Clayson (2002 apud Mendes, 2012), nesse período cristão operou-se uma segregação entre corpo e alma, tornando dicotômico o olhar sobre o ser humano. Dessa maneira, o corpo nu se tornou um vetor de desonra, devendo, portanto, se restringir ao privado. Em razão disso, a arte medieval cristã apenas referenciou a nudez humana como forma de simbolizar unicamente o pecado.

Entretanto, a ruptura com esses paradigmas cristãos foi motivada também pela arte, a partir do Renascimento, no século XV. Com a perda da força do catolicismo, o nu novamente voltou a ser requisitado pelos movimentos artísticos:

A forma humana nua, alegorizada em imagens medievais voltou a habitar as telas, e as partes íntimas do corpo, condenadas à vergonha e, portanto, excluídas da



linguagem da cultura, foram chamadas do exílio iconográfico e lingüístico. A paisagem, sobretudo do corpo feminino, foi iluminado (Silva, 2007, p. 63).

O Renascentismo pontua nesse momento o início da exploração do corpo nu feminino artisticamente, o qual, a partir daí percorreu um caminho próprio, bem diferente do que o masculino viria a percorrer, ganhando muito mais expressão no campo artístico sob o argumento de possuir um corpo suave e delicado, dado à contemplação de um público masculino. De qualquer modo, no que se refere aos padrões estéticos, a nudez grega continua mantendo sua influência.

O domínio da representação do corpo nu idealizado foi assimilado pelas escolas de arte do século XVI e, daí em diante, o estudo do corpo nu (masculino e feminino) se tornou a base do ensino artístico até final do século XIX. Esse corpo nu ensinado nas academias de arte era o corpo apolíneo, em detrimento de outras formas de corpo nu existentes no mundo grego. (Mendes, 2012, p. 59-60)

O corpo masculino, dispositivos de sexualidade e marcadores eróticos

No que se refere ao corpo masculino e suas representações, é latente a presença de uma norma que o impede de sê-lo erótico, afinal, a sua representação sempre esteve associada ao que se buscava de sua conduta moral em sociedade. Neste sentido, ao passo em que a sensualidade, suposto atributo natural feminino, é explorada em demasia na representação do nu feminino, o mesmo não ocorre com a representação masculina, do qual não se aceita o mínimo traço erótico.

Oportunamente, cabe aqui elucidar sobre os significados atribuídos historicamente às categorias de erótico e pornográfico. De acordo com Abreu (1996), citado por Silva (2007), os dois termos estão ligados pelo que tem em comum com a sexualidade e com o sentido de transgressão, o qual só pode ser compreendido face aos códigos éticos e morais de uma época. Ainda assim, Silva tenta uma classificação: “[...] a característica essencial dos dois conceitos é a sexualidade. Ao erotismo é deixada a possibilidade de sentimento amoroso. A pornografia, por sua vez, supõe certa capacidade de excitar os apetites sexuais de seus consumidores, algo que fale à libido” (2007, p. 58).

Bueno (2011) aponta com base em Medeiros (2008) que a diferenciação entre essas duas categorias somente é estabelecida no campo dos discursos.

O senso comum costuma classificar as imagens dos órgãos sexuais como pornográficas, mas isso é um preconceito contemporâneo, facilmente refutável



quando pensamos em outras culturas e em outras temporalidades como a dos gregos antigos, por exemplo, possuíam uma relação com o corpo mais aberta e menos contaminada por um moralismo. (Bueno, 2011, p. 4)

Foucault (1999), em “História da Sexualidade I – A Vontade de Saber” nos ajuda a entender melhor a sexualidade como um dispositivo que a partir do século XVIII se converteu em peça-chave para o exercício do poder burguês sobre o povo, como um mecanismo de regulação e controle da população, criando disciplinas para o corpo e um regimento para o sexo, baseado num jogo de interditos.

Indo contra um pensamento comum, Foucault não concorda que o controle da população tenha sido instaurado por meio de uma tática repressiva ou pelo silenciamento de vozes, muito pelo contrário, o autor argumenta que foi em razão da produção excessiva de discursos – entre os quais, o científico e o artístico tiveram grande força – que se produziu verdades que atribuíram ao sexo a explicação de diversas esferas político-sociais e econômicas:

A sociedade que se desenvolve no século XVIII — chame-se, burguesa, capitalista ou industrial — não reagiu ao sexo com uma recusa em reconhecê-lo. Ao contrário, instaurou todo um aparelho para produzir discursos verdadeiros sobre ele. Não somente falou muito e forçou todo mundo a falar dele, como também empreendeu a formulação de sua verdade regulada. Como se suspeitasse nele um Segredo capital. Como se tivesse necessidade dessa produção de verdade. Como se lhe fosse essencial que o sexo se inscrevesse não somente numa economia do prazer mas, também, num regime ordenado de saber. Dessa forma, ele se tornou, progressivamente, o objeto da grande suspeita; o sentido geral e inquietante que, independentemente de nós mesmos, percorre nossas condutas e nossas existências; o ponto frágil através do qual nos chegam as ameaças do mal; o fragmento de noite que cada qual traz consigo. Significação geral, segredo universal, causa onipresente, medo que nunca termina. (Foucault, 1999, p. 68)

Exemplo disso é a forma como o corpo feminino foi tomado pelas artes a partir do Renascentismo, no qual a suposta essência ou verdade sobre o corpo das mulheres foram produzidos por meio de um olhar masculino e também destinado a olhares masculinos, nitidamente, tais atos eram legitimados por um contexto patriarcal e *voyeurista*.

[...] a exposição da nudez feminina funcionou como uma maneira de controlar e determinar a sexualidade e os comportamentos das mulheres. Os quadros que circulavam nas grandes galerias retratavam mulheres idealizadas, que denotavam padrões vigentes naquela sociedade e cujo comportamento deveria ser seguido. Por isso, Nead explica que o surgimento de um gênero pictórico como o “nu feminino” foi um ato de regulação, e que uma de suas principais finalidades teria sido conter e regular o corpo sexualizado da mulher (Nead, 1998, p. 18 apud. Barreto, 2014, p. 2).



Como se pode perceber, os caminhos traçados pelo nu feminino e pelo nu masculino foram diferentes e apresentaram problemáticas próprias, contudo, ambos sempre corroboraram para o reforço de estereótipos de gênero, que perduram até hoje.

Retratos de mulheres realçavam sua beleza; retratos de homens seu “caráter”. Beleza (a província da mulher) era suave; caráter (a província do homem) era austero. Feminino era dócil, plácido, ou lastimoso; masculino era forte, penetrante. Homens não pareciam melancólicos. Mulheres, de preferência, não pareciam fortes. (Sontag, 1999, p. 24 apud. Baldissera, 2014, p. 4)

Batista (2010) aponta que nas artes visuais e na literatura, o corpo é sempre uma representação possível, dentre várias. Tais representações podem ser lidas como um diálogo constante entre o que está posto na sociedade e seus símbolos; é, na verdade, uma negociação que tenciona sobre os diversos discursos produzidos e impostos aos corpos. Essa conversa travada entre arte e sociedade faz-se necessária, pois “o múltiplo sentido do corpo pede múltiplos olhares” (Batista, 2010, p. 126).

Em se tratando do corpo masculino, sua polissemia de discursos acusa a masculinidade como um produto social detentor de vastos sentidos “Trata-se do ‘fazer-se homem’” (Carneiro, 2013, p. 63). O gênero é uma construção social e cultural, e não algo inato. Sendo assim, compreende-se que são possíveis diversas expressões de masculinidades, porém, o foco em uma masculinidade única e ideal acaba por oprimir as vivências que dela fogem: “O privilégio masculino é também uma cilada. [...] A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma carga” (Bourdieu, 2010, p. 64).

“[...] considerando-se que a masculinidade e o corpo são socialmente construídos, para cada sociedade há um ideal de masculinidade, e para cada ideal de masculinidade, um corpo” (Ogassawara, 2007, p. 10). E é isso que o estudo do nu historicamente nos ajuda a enxergar explicitamente.

Século XIX e XX: corpo, arte e fotografia

O surgimento da fotografia no século XIX inicia uma nova fase na história das representações artísticas do corpo nu masculino. Desde os primeiros daguerreótipos, a exposição dos corpos masculinos já se fazia presente, inicialmente como uma forma da



fotografia servir à pintura: já que o custo de modelos vivos era alto, compensava-se muito mais pagar por uma fotografia e reproduzi-la na pintura (Mendes, 2012). E assim, a relação mantida entre corpo e fotografia marca o século XIX, o que não quer dizer nem que o nu foi aceito facilmente na fotografia, e nem que a fotografia tenha sido aceita enquanto arte.

Quando relacionadas ao universo do estudo anatômico e a serviço da pintura, as fotografias de nus masculinos eram toleradas, como a própria nudez masculina o fôra, principalmente desde o neoclássico europeu, justamente pela aura artística que este movimento herdou do classicismo antigo. (Gomes, 2010, p. 14)

E mesmo quando a fotografia consegue para si a condição artística, esta ainda permanece sob a influência da Antiguidade Clássica, na reprodução do padrão de beleza apolíneo grego.

[...] os nus só tiveram sua entrada permitida oficialmente nas exposições fotográficas depois que os pictorialistas, em sua luta pelo reconhecimento da fotografia como uma arte, conseguiram que os corpos despidos fossem finalmente levados a público de maneira aceitável. Desde então, a **proliferação** de fotos de corpos nus (apolíneos) em exposições, revistas, filmes e adjacências não parou mais e, nos últimos anos, tem sofrido até uma certa banalização (Mendes, 2012, p. 60).

“Os corpos [...] veiculados pelos meios de comunicação de massa têm sido predominantemente corpos vinculados ao padrão ideal da arte clássica” (Mendes, 2012, p. 60). Tal imagem acaba por ser nocivo à sociedade na medida em que produz uma verdade inalcançável, e, portanto, opressora: “[...] a dominância do modelo ideal clássico na imaginação social do corpo nu não é positiva porque nos impõe um corpo “impossível”, na medida em que é um corpo dos deuses e não de mortais” (Mendes, 2012, p. 62).

As imagens que a fotografia, e logo depois o cinema, permitiram ser produzidas, ao longo de século XIX, foram feitas por meio de uma leitura de gênero ainda muito machista, de modo que corpo feminino e corpo masculino ganham representações completamente distintas, senão opostas, ao passo que demarcam o papel cabível a cada gênero na sociedade:

A aparentemente natural *imagerie* coletiva que não expõe o corpo masculino e sim o corpo feminino é exemplo dessa situação. Na fotografia licenciosa do século XIX são inúmeras as imagens calcadas nessa representação. Elas esquadrinham o corpo feminino em todos os ângulos e sem nenhuma discrição. Do mesmo modo em que disseminam imagens de atos sexuais entre mulheres, como verdadeiro deleite do imaginário masculino. Quando aparecem atos sexuais entre homens e mulheres, via de regra os primeiros têm o corpo estrategicamente velado. Estas “regras tácitas” da não-vulnerabilidade do corpo masculino são expedientes ainda correntes no mundo



contemporâneo se atentarmos para a parcimônia do tratamento dessa corporalidade na cultura fílmica de caráter comercial. (Santos, 2002, p. 4)

Na passagem do século XIX para o século XX percebe-se crescer o interesse pelo fisiculturismo e consequentemente pela cultura de um corpo masculino viril e forte (Carneiro, 2013). Até esse ponto, nenhuma grande diferença da estética Clássica. Porém, são os nus do atleta fisiculturista Eugen Sandow³ (1867-1925) que conferem uma quebra de um estigma da representação do corpo nu masculino na medida em que faz uso de erotividade, a partir de fotografias que também são expostas com vias à contemplação estética (Gomes, 2010). É aberto, portanto, o caminho para se explorar também a sensualidade masculina.

No século XX, a referência à Antiguidade Clássica é também um pretexto para se trabalhar com os nus masculinos, bastante explorados pelas revistas que começam a ganhar força por volta da década de 1930. Tais revistas investiam no tema da saúde, desenvolvendo matérias sobre atividades físicas, esportes, corpo perfeito, entre outros assuntos (Gomes, 2010). No entanto, o uso dos signos eróticos somente passa a ser usados largamente a partir da década de 1960:

Nos anos 60 do século passado, a resistência à nudez masculina diminuiu, todavia em um contexto de antiestablishment, numa conjuntura na qual se acredita que o tabu da nudez deveria ser quebrado. O mercado cresceu dando espaço à pornografia e à vulgarização do nu frontal. Os modelos passaram a posar de forma mais erótica. (Silva, 2007, p. 77)

Embora seja possível perceber o surgimento de uma arte feminista e uma arte homoerótica, entre os anos 60, 70 e 80 é o corpo feminino nu e sexualizado que vai se tornar um ícone da cultura visual ocidental (Baldiçera, 2014). Por sua vez, a nudez masculina só consegue se destacar a partir desse momento dentro da cultura *gay*, seguindo uma tendência fortemente comercial e mercadológica, e novamente sob uma estética apolínea, porém, agora com o signo do erótico e do pornográfico bastante atrelado. Antes disso

A nudez masculina foi grandemente influenciada pela liberação *gay* a partir dos movimentos de liberação, nos anos 70 do século passado, em países do Ocidente. A fotografia nesse contexto, poderia representar papel fundamental para nova consciência do *gay*. A liberação *gay* não só reivindicava liberdade para expressão sexual, mas proclamava que ser *gay* era bom. (Silva, 2007, p. 78)

³ Sandow pode ser chamado de o primeiro *body builder*, termo usado para descrever aquele que busca a construção de massa muscular pelo uso de pesos e exercícios com máquinas. O sucesso alcançado por ele pode ser explicado devido a uma série de circunstâncias, entre elas, a influência do palco popular como espaço de exposição do corpo e a crescente importância da fotografia como meio de contemplação estética do corpo que estava, até então, restrito à pintura e à escultura. (Goés, 1999 apud Silva, 2007, 72)



De acordo com Ellis Regina de Araújo Silva (2007), que fez um estudo sobre as imagens sociais de fotografias do corpo masculino em revistas gays, na década de 80 foram publicadas diversas revistas de nu masculino: algumas ainda vinculadas ao fisiculturismo e ao estilo de vida saudável, e outras mais diretivas quanto ao desenvolvimento de um trabalho com um conteúdo claramente sexual, e específicas quanto ao seu público *gay*. São elas: “[...] as revistas Gato, Alone, Spartacus, a fotonovela gay Young Pornogay, Apocalypse Gay, O Clube dos Homens, Lovergay, Explicit gay, Novela gay, entre outros títulos.” (Silva, 2007, p. 96).

Em abril de 1997, foi lançada a revista Bananaloca (versão impressa de um *site* homônimo) que neste mesmo ano viria a se tornar a G Magazine. Segundo Silva (2007) “A publicação surgiu com pretensões mercadológicas, sem compromissos militantes com a causa gay. O apelo de venda da publicação eram os garotos da capa, responsáveis pelos ensaios de nus masculinos.” (p. 122)

Na G Magazine, os ensaios de nu masculino parecem inspirados em revistas tradicionais de nu feminino, como a revista Playboy. Os ensaios exploram o potencial erótico dos modelos com recursos sofisticados de fotografia, as fotos mostram corpos em nus frontais, vinculando as imagens com as chamadas. (Silva, 2007, p. 125)

Como se percebe, até os anos 90 a representação do nu masculino esteve restrita ao modelo apolíneo difundido pela Antiguidade Clássica, como supracitado, ou a esse mesmo modelo com acréscimos eróticos. Todavia, o século XX também foi um cenário no qual surgiram algumas produções de artistas que se dispuseram a mostrar algo novo por meio do corpo masculino nu, buscando novos assuntos, estéticas e linguagens.

Dentre os principais artistas desse período, se destacam o carioca Alair Gomes (1921-1992), um verdadeiro fascinado pelo corpo masculino e autor da série *Symphony of Erotic Icons* que possui 1.767 fotos, de nus masculinos (GOMES, 2010). Suas obras datadas de 1960 a 1980 reúnem um misto de “compulsão pessoal com refinamentos de estratégias da linguagem” (Chiodetto, 2016).

Além de Alair, encontra-se também James Bidggod, fotógrafo norte-americano que fez sucesso, entre 1940 e 1950, ao retratar corpos masculinos jovens em um cenário lúdico e colorido, remetendo a uma estética fantástica e infantil. E, por último, o transgressor e controverso Robert Mapplethorpe, estadunidense que fotografou temas como o homoerotismo e o sadomasoquismo por meio de uma concepção visual artística positiva. Seu trabalho gerou



e ainda gera escândalo pela sua coragem em brincar com símbolos eróticos, religiosos e por ter direcionado um olhar particular e inédito a representação do pênis em suas fotografias (Silva, 2007).

Considerações finais

Na passagem para a sociedade contemporânea, o nu tomou novos sentidos e foi se desassociando da dimensão artística e passou a ser usado com finalidades comerciais, fato este que associado às novas tecnologias de reprodutibilidade da fotografia, contribuiu para a sua banalização.

Atualmente, os nus masculinos vivem um período emblemático, no qual se percebe grande produção de conteúdo numa perspectiva pornográfica – inserida numa lógica de mercado – e esporádicas produções que envolvem o pensar o masculino na sociedade com vias a retirá-lo desse campo ainda tabu.

Mais do que nunca, faz-se necessário refletir sobre quais modelos de homens a produção contemporânea de imagens tem estimulado. Quais ou qual masculinidade têm-se reforçado? Quais corpos continuam sendo estereotipados? Questionar o percurso de representações do nu masculino nos ajuda a compreender os conflitos atuais em torno das discussões de gênero, de sexualidade, entre outros. É preciso entender que o uso do nu age diretamente num processo de desconstrução de estruturas de pensamentos demasiado conversadores e opressores, ao passo que contribui para o entendimento do corpo enquanto uma ferramenta política dotada de poder.

Referências Bibliográficas

BALDISSERA, Marielen. As fotografias e o olhar sobre o corpo masculino. 9º ciclo de investigações do PPGAV. *Revista Ciclos*. p. 1-13. Florianópolis, out. 2014.

BARRETO, Nayara Matos. *O corpo feminino nas artes visuais: Nudez, sexualidade e empoderamento*. 2014, p. 1-15. Disponível em: <<<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23052/23052.pdf>>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

BATISTA, S. D. O corpo falante: narrativas e inscrições num corpo imaginário na pintura acadêmica do século XIX. *Revista Fap*, Curitiba, 2010.

BORZELLO, F. *The Naked Nude*. London: Thames and Hudson, 2012.



BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUENO, Eric Allen. *A nudez entra em cena. Fotografia, cinema e televisão: um balaço visual do desnudamento feminino brasileiro nas décadas de 1960, 1970 e 1980*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho 2011, p. 1-13. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300564015_ARQUIVO_Eric_Artigo_ANPUH_2011_CINEMA.pdf; acesso em: 19 de fev. 2018.

CARNEIRO, Maristela. A masculinidade como uma categoria de análise para a pesquisa cemiterial: a nudez masculina na arte funerária paulista. *Domínios da Imagem*, Londrina. 2013.

CHIODETTO, Eder. *Young Male: fotografias de Alair Gomes*. CasaTriangulo, 2016, np. 54. Disponível em: https://www.casatriangulo.com/media/pdf/Alair_Gomes_casatriangulo.pdf; acesso em: 19 fev. 2018.

CLARK, Kenneth. *O nu: um estudo sobre o ideal em arte*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1956.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

GOMES, Aline Ferreira. *A fotografia de Alair Gomes: o fascínio pelo corpo masculino*. VI EHA - Encontro de História da Arte - UNICAMP 2010, p. 13-20. Disponível em: http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2010/aline_ferreira_gomes.pdf; acesso em: 19 fev. 2018.

MENDES, André Melo. A Transgressão Do Corpo Nu Na Fotografia: O retorno dos corpos decadentes. *Rev. UFMG*, belo horizonte, v.19, n.1 e 2, p. 58-75, jan./dez. 2012

OGASSAWARA, Juliana Sayuri. *O Homem na TPM: a representação do corpo masculino na mídia impressa*. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007, p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0451-1.pdf>; acesso em: 19 fev. 2018.

RODRIGUES, Nuno Simões. *A nudez do guerreiro grego*. Universidade de Lisboa, 2011.

SANTOS, Alexandre. *A indisciplina do desejo: corpo masculino e fotografia*. XXII Colóquio Brasileiro de História da Arte, 2002, np. 16. Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2002/textos/texto07.pdf>; acesso em: 19 fev. 2018.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. *Representações sociais e Imagens em Fotografias do Corpo Masculino em Revistas Gays*. Universidade de Brasília (UNB), Programa de Pós-graduação em Comunicação. Brasília: UNB, 2007.